Perspectivas messiânicas nos Primórdios do Judaísmo

"A esperança messiânica é sempre primeiramente esperança histórica; ela se torna escatológica somente diante do crescimento contínuo das desilusões históricas" (Martin Buber).

Falar da idéia messiânica como uma das características fundamentais da religião judaica, de messianismo e *mashiah* no judaísmo do primeiro século torna-se uma tarefa difícil para não dizer ousada. Não resta dúvida que a visão messiânica sempre foi um fator de vitalidade na história de Israel. A cada nova situação-limite o messianismo se revestiu de um colorido especial e de concepções variadas.

Segundo Martin Buber, o messianismo deve ser julgado como uma das idéias mais originais do judaísmo. A diversidade que encontramos nas configurações posteriores do messianismo pode ser explicada em parte como inspirada pelas diferentes camadas literárias do cânon hebraico que serviram para todos, judeus e cristãos, como fonte seminal partilhada. Esta diversidade resulta de interpretações ou reformulações particulares da herança comum, de ênfases distintas deste ou daquele grupo, neste ou naquele aspecto bíblico da noção *"mashiah"*.

O significado do messianismo e sua avaliação constitui matéria de fé e um desafio intelectual com que se confronta cada geração de judeus e cristãos, exigindo sempre uma retomada da questão tanto internamente em cada uma das profissões de fé, como também é proveitosa uma revisão comum.[1]

Teólogos judeus e cristãos, historiadores da religião possuem uma grande variedade de pontos de vista para falar sobre messias e messianismo e quase sempre usam este tema para justificar suas respectivas profissões de fé e idéia

1. S. TALMON. The Concepts of mashiah and Messianism in Early Judaism, in: *The Messiah: Developments in Earliest Judaism and Christianisty*. The First Princeton Symposium on Judaism and Christian Origins. James Charleswoth editor, 1987.

sobre *mashiah*. O mesmo ocorre com muitos estudiosos. Simplifica-se a questão numa frase bastante conhecida e estereotipada, que soa como um *slogan* (chavão?): 'os cristãos acreditam que o messias já veio e os judeus continuam esperando sua vinda'. Ao dizer que Jesus é nada mais e nada menos do que "o messias" significaria dizer que nas Escrituras Hebraicas no tempo de Jesus havia somente *uma* idéia que circulava sobre o tema e esta foi seguida por Jesus. Logo os judeus que não acolheram Jesus como *mashiah* foram obtusos, para dizer o mínimo. Essas idéias então como agora seriam simplesmente 'carnais' e por isso foram eles 'impedidos de ver' ou reconhecer o *mashiah*.[2]

Esta maneira simplista de tratar a questão colocou e ainda coloca muitas vezes um ponto final para se descobrir a riqueza e a variedade de expectativas messiânicas judaicas no tempo de Jesus, levando em conta os diferentes pontos de referência e suas raízes nas Escrituras Hebraicas. Quando nos debruçamos sobre esta variedade, aprendemos a diferenciar entre a genuína esperança messiânica e daí a entrada para o messianismo.

O progresso das ciências auxiliares da história, entre outras a arqueologia e ultimamente a antropologia e a sociologia, fizeram surgir nos últimos cinqüenta anos uma riqueza incalculável de novos dados, fazendo-nos vislumbrar de modo mais acurado, na virada do tempo de início do cristianismo, a vitalidade e a complexidade das comunidades judaicas tanto na terra de Israel como na diáspora. Se passou um bom tempo desde que tomamos consciência de que havia grande variedade de expectativas judaicas, agora, tendo uma visão mais ampla, notamos que o messianismo, como o entendemos hoje, ocupava um espaço bastante restrito na escatologia judaica da época. Devemos também levar em consideração que os testemunhos de que dispomos vêm da "elite" da época, ou seja, de grupos capazes de deixar algo escrito. Muito pouco sabemos ainda das expectativas populares pois em geral os *"'am ha-'arets"* não deixaram suas memórias escritas pois não interessavam ao poder da época. Neste particular as recentes pesquisas de cunho sociológico nos permitem perceber um pouco mais a gama das expectativas bastante complexas dos mais populares, o que acrescenta dificuldades para delinear com maior clareza algumas das afirmações a que estamos habituados, questionando outras que já tínhamos por adquiridas. A esperança da época não se reduzia de modo algum à espera de um "mediador" de salvação. A maioria dos judeus na terra de Israel do período romano ansiava por *liberdade*, liberdade esperada por todos, ricos e pobres. Mesmo se a palavra era pouco usada, os romanos sabiam muito bem o que significava este anseio no meio das massas populares.

Não há delimitação precisa para o conceito de *mashiah*. Na Bíblia Hebraica encontramos noções messiânicas mas devemos usá-las com precaução no que se refere ao messianismo. Não devemos confundir como messiânicos textos que se referem somente à restauração da casa de Davi.

2. Clemens THOMA. *A Christian theology of Judaism*. New York, Paulist Press, 1990, 59.

Provavelmente a maior diversificação veio à tona a partir do período persa, diante do impacto que precedeu à dispersão judaíta após 586 aC. Este processo ganhou forma e se acelerou no período helenístico e romano, quando vários grupos judaicos foram afetados de diferentes maneiras pela cultura greco-romana, pela espiritualidade nativa e por fenômenos religiosos como o apocalipsismo e o gnosticismo para citar somente os mais evidentes.

A maior diferenciação histórico-religiosa e de grande importância teológica se inicia no período dos Macabeus. Eles, acreditando na iminente aproximação do reino, em situação-limite, lideraram uma solução, articulando o meio popular que se encontrava extremamente confuso diante da imposição helenista. Conclamando o povo à fidelidade a *Javé*, em meio à crise, encontraram a saída enraizada na tradição, do mesmo modo que ocorrera nos primórdios de Israel. No momento da entrada na terra, Josué conclama todos os que aderiram ao projeto de Javé a reconhecerem a exclusividade de Javé. Em contexto de perseguição sucessiva – selêucidas, asmoneus, autoridades romanas – surgirão muitos outros grupos messiânicos esotéricos e apocalípticos. Uma das características deste período de ebulição e revolta é o aparecimento de uma força dinâmica na situação religiosa e política que aparece nas pesquisas de Horsley sobre os movimentos entre os camponeses.[3]

Portanto, ao abordar o tema não podemos perder de vista qual o judaísmo a que nos referimos. Somente no período intertestamentário começaram a circular idéias escatológicas que permitiram chegar às imagens messiânicas no sentido estrito do termo tal qual as conhecemos. Devemos ter prudência antes de atribuir certas concepções ao judaísmo primitivo pois elas podem muito bem ser escritos judaicos que sofreram interpolações e acréscimos de redatores neotestamentários.

As idéias messiânicas sem dúvida encontram suas raízes na monarquia davídica e nas interpretações dos últimos profetas, mas o conceito da era messiânica no judaísmo ultrapassa de longe a figura do messias.

Clemens Thoma cita a diferenciação feita por Klausner a respeito de esperança messiânica e fé no messias na orientação judaica. A esperança messiânica é a esperança profética que almeja uma nova era onde a liberdade política, a perfeição moral e a felicidade na terra serão apanágio de Israel em sua própria terra. A fé no messias refere-se à esperança profética de uma nova era quando o redentor, por seu espírito e poder, trará salvação política e espiritual para Israel e através dela felicidade e perfeição moral a todo ser humano.[4]

PRIMÓRDIOS DA NOÇÃO MESSIÂNICA E DO *MASHIAH*[5]

O termo *mashiah* – da raiz *mashah* "ungir" – significa "o ungido". O termo em si não exige um redentor enviado por Deus para livrar Israel da escravidão.

3. Richard A. HORSLEY e John S. HANSON. *Bandits, Prophets and Messiashs*. Winston Press, Minneapolis, 1988.

4. Clemens THOMA. *Op. cit.*, 59-60.

5. S. TALMON. *Op. cit.* p. 79-115.

Na Escritura Hebraica o termo não se refere a uma pessoa que virá no tempo futuro para redimir Israel mas a uma pessoa que, na situação, é ungida com óleo sagrado para exercer uma função: rei ou sacerdote. E o termo serve para designar qualquer pessoa para a qual Deus tem um objetivo particular, como no caso de Ciro, rei persa (veja Is 45,1). Mas não devemos com isso concluir precipitadamente que toda idéia da pessoa do messias seja pós-bíblica.

Ao nos referirmos às Escrituras Hebraicas temos consciência de que nos referimos a textos que não datam da mesma época. Cobrem um largo período. Refletem atitudes heterogêneas dos autores, que provavelmente carregavam idéias divergentes sobre *mashiah* do que as que encontramos cristalizadas nos textos. Os conceitos bíblicos de *mashiah* e messianismo trazem no seu bojo a tensão entre o racionalismo enraizado na experiência histórica e a utopia mística que transcende toda a realidade.

A idéia intrinsecamente ligada à noção sócio-política se desenvolveu primeiramente na cultura histórica contextual do conceito bíblico de monarquia. Isto servirá de base nas manifestações posteriores e ajudará a avaliar a formação de grupos com perfil sócio-religioso. Embora dificilmente possamos separar o político do religioso no Israel bíblico, para evitar a tendência de "teologizar" antecipadamente as noções de *mashiah* e messianismo, devemos apreciar tanto quanto possível as conotações políticas do contexto existencial do povo que dá nascimento e desenvolvimento à experiência messiânica.

Segundo Talmon o título *mashiah* carrega em si dois princípios essenciais contraditórios: um líder inspirado cuja autoridade surge do carisma pessoal e é por definição descontínuo, tal como o conhecemos no período dos juízes, e, ao mesmo tempo, um líder que se coaduna com o regime monárquico, automaticamente contínuo, que o reforça como um carisma de ofício de uma instituição estabelecida.

As Escrituras Hebraicas também mencionam por vezes que o rei foi ungido pelo povo. Os "*'am ha-'arets*" pegaram Joacás, filho de Josias, ungiram-no e o fizeram rei no lugar de seu pai (2Rs 23,30). O crescimento da atitude crítica para com os reis através dos profetas transferiu o título de "mashiah" para a figura do "rei que virá", que era esperado e poderia aparecer num futuro próximo. Como resultado o conceito perdeu algo de sua concretude e se revestiu de uma certa utopia irreal. Em Isaías encontramos oráculos que refletem esta evolução na justaposição de três estágios de desenvolvimento da noção bíblica de *mashiah:* de Is 7,14-16 com seu realismo histórico passamos a Is 9,5-6 onde encontramos a conceitualização e chegamos a Is 11,1-10 onde encontramos a idealização.

A progressiva des-historização da noção do *mashiah* aparece com mais evidência nos profetas pós-bíblicos como Ageu e Zacarias no que se refere a Zorobabel, último ungido da linhagem davídica. A controvérsia entre estes dois profetas contemporâneos a respeito do *mashiah* do momento da restauração nos indica como desde os tempos bíblicos o desenvolvimento do conceito de *mashiah* não era unilinear.

Alguns profetas vão falar da futura redenção de Israel assegurada por um descendente da casa de Davi. Os profetas Isaías, Miquéias, Jeremias e Zacarias

falam de um líder humano ideal, com grande espiritualidade e qualidades éticas. Mas este líder não é o redentor como *mashiah* será interpretado posteriormente. Somente Deus é o redentor e o rei messias é somente líder do povo redimido. Ele executará a justiça e o direito sobre a terra. Outros profetas falarão do futuro sem se ater a uma personalidade carismática. São os profetas como Naum, Sofonias, Habacuc, Malaquias, Joel e Daniel que falarão do futuro onde somente Deus é o redentor. Assim sendo as duas perspectivas do messias pessoal e da era messiânica encontram suas raízes nas Escrituras Hebraicas.

Na descrição bíblica do futuro *mashiah* e da nova era que com ele se instalará podemos distinguir duas tendências designadas como "messianismo utópico" e "messianismo restaurador". Ambos podem ter uma moldura particular – nacional ou universal – compreensiva. Na ênfase utópica ou restaurativa que toca diferentes camadas bíblicas parece estar a base da qual surgem as variadas manifestações messiânicas da época pós-bíblica. A visão restaurativa mais racional procura a volta das antigas glórias de Israel esperando somente a melhora do que já existe. A visão utópica procura construir um futuro melhor ultrapassando o que existe, tem um caráter mais apocalíptico, vislumbra mudanças radicais no mundo com a chegada da era messiânica.

Em todo caso o que podemos concluir é que em sua essência e diversidade não há uma idéia messiânica igual que possa ser encontrada fora dos parâmetros da cultura e do sistema de fé do judeu-cristianismo.

NOÇÕES MESSIÂNICAS ENTRE FARISEUS, QUARTA FILOSOFIA E GRUPOS APOCALÍPTICOS

Neste item queremos simplesmente acenar para as possíveis noções messiânicas que encontramos nas diferentes correntes do judaísmo no 1º século, deixando para concentrar reflexões diferenciadas sobre o grupo Qumran e essênios tendo em vista que este grupo é o que mais fornece material escrito sobre o tema e tem sido alvo de muitos estudos recentes.

Ao falar dos grupos que nomeamos acima, lembramos mais uma vez que muito daquilo a que aqui nos referimos chegou até nós por testemunhos escritos ou que foram objeto de interesse de escritores como é o caso de Flávio Josefo, que menciona e descreve fariseus, saduceus, essênios e quarta filosofia.[6]

Doutores leigos, os fariseus prolongaram a tradição dos antigos "sábios" e negaram o monopólio sacerdotal da interpretação da *torá*.

Em matéria de esperança adotaram posições bem evoluídas: esperavam a ressurreição dos mortos atestada em Dn 12,2-3 em que os "justos" poderão participar do "mundo que virá". A dedicação total à Torá estava ligada ao nacionalismo religioso que esperava por um tempo onde a justiça e a paz reinariam no povo de Israel, livre da dominação estrangeira. No entanto não entram na história

6. Richard A. HORSLEY. 'Messianic' Figures and Movements in First Century Palestina, in: *The Messiah* (*Op. cit.*), 279.

como extremamente preocupados com a iminente aproximação do reino de Deus, apanágio dos grupos apocalípticos. Eram mais preocupados com as escrituras e sua exegese sapienciais e haláquicas a serviço de uma vida simples em conformidade com a revelação. Preocupavam-se com os fins dos tempos e com os caminhos que a existência do povo de Israel deveria trilhar neste mundo e como deveria fazê-lo.

Embora hostis à resistência violenta, os fariseus dificilmente aceitavam a legitimidade das autoridades romanas. Romperam com os asmoneus por fidelidade à realeza davídica e se mantiveram à distância da dinastia herodiana pelo mesmo motivo. O envio do *mashiah* libertador tinha uma dimensão política, mas eles não pretendiam apressar o tempo através de um ativismo inconsiderado. Durante a revolta de 66-70 aos poucos se distanciaram da ação militar. Segundo a tradição, foi nesta época que rabi Yohanan ben Zakkai se fez levar para fora da cidade num esquife, carregado como morto por seus discípulos, a fim de reorganizar as instituições nacionais, fato que conseguiu através de negociações e concessões do poder romano. Esta iniciativa culminará na assembléia de Yavné (Jâmnia).

Durante este período do final do século os rabinos ensinaram que se devia esperar o *mashiah* e rezar pela sua vinda, mas não se deveria fazer nada para apressar sua vinda. Ben Zakkai, que recebeu o título de Rabban, ensinava a seus discípulos o seguinte: "se você estiver plantando uma árvore e ouvir dizer que o *mashiah* chegou, termine primeiro de plantar a árvore e depois vá saudá-lo". Este era o ensino das prioridades. A tarefa dos judeus é plantar árvores, planejar o futuro a longo prazo, o futuro da humanidade e do mundo. A espera do messias é secundária e uma preocupação menos importante. Os rabinos proibiam as tentativas de calcular o tempo da chegada do *mashiah*. Deus enviará o *mashiah* em seu tempo devido. A responsabilidade do povo judeu será viver fielmente de acordo com a torá até o tempo de sua vinda.

Ocasionalmente os fariseus podiam ser atingidos pelo fervor da expectativa do messias, o que de fato aconteceu em 70 e 132-135 quando inclusive rabi Akiba se deixou levar pelo "Filho da Estrela" Simão Bar Kokeba ou Kosiba como sendo *mashiah*.

No entanto não devemos generalizar esta atitude moderada descrita acima, conforme encontramos nas fontes escritas. A situação era muito diversificada nas diferentes regiões do país e hoje sabemos que muitas vezes a presença ostensiva dos soldados romanos exigindo do camponês além do tributo prescrito deve ter gerado aos poucos focos de resistência onde os fariseus sem dúvida estavam presentes.[7]

Mesmo se dificilmente podemos apreender a organização dos fariseus no 1º século, podemos afirmar sua estreita ligação com a vida sinagogal – centro de oração e de estudo da Torá – deixando entrever a comunicação provável de sua visão messiânica e esperança no futuro comum entre os "*'am ha-'arets*" que freqüentavam as sinagogas em suas aldeias e vilarejos.

7. Nestor O. MÍGUEZ. Os militares na Palestina de Jesus, in: *RIBLA*, nº 8, Petrópolis, Vozes/Sinodal, 1991/1, 13-22.

O povo carregava ideais sobre o que deveria ser a vida e tinha memória do passado que alimentava esses ideais. A lembrança dos tempos em que fora povo livre e soberano, sem dominação estrangeira, mesmo se este passado estava longe da realidade vivida, continuava lembrança viva na memória popular. A maioria dos "*'am ha-'arets*" da época já não sabia o hebraico e o recurso da tradição oral se tornara o grande meio de fazer memória. Alguns "*'am ha-'arets*" haviam se tornado escribas e fariseus e provavelmente cada pequena aldeia tendo sua sinagoga simples tinha os meios de conservar viva esta tradição milenar. A história tem mostrado em diferentes circunstâncias como a tradição oral é o caminho mais certo da resistência popular. Na tradição católica popular temos ocasião de perceber o quanto a literatura apócrifa da infância de Jesus e Maria estão presentes e passam de geração em geração independente da 'oficialidade' das Escrituras. Aliás sobre a resistência popular ainda temos muito a aprender.[8]

Atualmente, estudiosos do judaísmo primitivo, adotando a nomenclatura de Flávio Josefo, englobam sob o termo quarta filosofia diferentes grupos de resistência popular, entre eles zelotas e sicários. Estes grupos denominados "rebeldes" não eram simplesmente bandidos, ladrões ou inimigos do povo como tentou descrevê-los Flávio Josefo. O lugar social ocupado por Flávio Josefo nos ajuda a procurar ler o reverso da medalha e a partir dos olhos daqueles que foram por ele descritos.

Os chamados grupos rebeldes são grupos que carregam as esperanças populares, que desejam melhorar a vida do povo, desejam libertar o povo dos pecadores e opressores. São eles guiados pelo grande anseio de liberdade, liderando o povo para a libertação escatológica, pureza moral, inspirados pelos ideais messiânicos.

Estes movimentos que no início foram esporádicos, em determinado momento catalisaram os anseios de libertação e conduziram o povo judeu para uma situação catastrófica que terminou com a conquista de Jerusalém e da Judéia e com a destruição do templo, dizimação da população seguida de exílio de muitos dos sobreviventes. Os anos 66-70 marcaram profundamente a história de Israel num momento no 1º século em que as esperanças de uma possibilidade de libertação política catalisaram a esperança de vários grupos, liderados pelos zelotas.[9]

Concentramos neste item uma tentativa de trazer uma visão panorâmica sobre o *status quaestionis* dos estudos sobre os manuscritos do Mar Morto e algumas conclusões feitas por James Charlesworth no simpósio de Princeton sobre o tema messias.

Além dos pseudo-epígrafos mencionados anteriormente ao falar do apocalipsismo, outro corpo de literatura judaica da época que menciona ou faz referências ao messias é um parco número de fragmentos dos manuscritos de Qumran.

As origens da comunidade de Qumran continuam complexas e alvo de muitas discussões. Os textos de Qumran levam a situar o surgimento do grupo no deserto,

8. Carlos MESTERS. "Os profetas João e Jesus e outros líderes populares daquela época", in: *RIBLA*, nº 1, Petrópolis, Vozes/Sinodal, 1988, 72-80.

9. Richard HORSLEY. Grupos judeus palestinos e seus messias na tardia época do Segundo Templo, in: *Concilium*, Petrópolis, Vozes, 1993, nº 245 [*Messianismo na história*], 24-41.

na época de Herodes o Grande e sua permanência ativa no local durante todo o período do primeiro século.

A peculiaridade de Qumran é a expectativa dos "dois ungidos", o que esclarece sobremaneira a diversidade com que a idéia do *mashiah* se expressa ela mesma no período do Segundo Templo. Os manuscritos refletem conceitos de um grupo judeu extremista que promulgava um messianismo milenarista. Os essênios, evocados por Flávio Josefo, deixam entrever certa complexidade em sua organização. Ele os apresenta em duas categorias das quais uma pratica o celibato e outra admite o casamento de seus membros. Muito do que ele fala corresponde ao que hoje sabemos sobre a comunidade de Qumran embora estejamos longe de alcançar algum resultado mais definido, pois, após 47 anos da descoberta dos manuscritos, alguns dos manuscritos ainda não foram traduzidos e estudados.[10]

Os manuscritos revelam que o grupo se constituiu como os da "Nova Aliança" ou os "Yahad benê Zadok" – filhos únicos de Sadoc, no início do 2º século aC, distanciando-se do grupo que poderíamos chamar de judaísmo protofarisaico. O que foi encontrado nos manuscritos sobre messianismo pode projetar luzes sobre algumas das concepções messiânicas do judaísmo rabínico e do cristianismo primitivo.

Ao que parece os fundadores do grupo talvez possuíssem uma ardente visão messiânica e acreditavam ter encontrado a data exata do "tempo que virá". Junto com o arrependimento e expiação pelas suas transgressões, as forças inimigas deveriam ser vencidas por uma ação organizada. Aí então a nova Jerusalém poderia alcançar sua realização e ser preparada para a chegada dos "dois ungidos". Uma batalha apocalíptica, na qual seria vencido o mal adversário com a ajuda divina, tornou-se a condição *"sine qua non"* para a aspirada transição deste infortunado tempo para a futura era iluminada. Concebia-se a batalha na imagem de Ezequiel em seu oráculo contra Gog e Magog (Ez 38–39) e os compromissos visionários de que nos fala Dn 7–12.

O término vitorioso desta última guerra abriria as portas para a chegada dos "dois ungidos" – o mashiah de Israel e o *mashiah* de Aarão – o primeiro representando a linhagem monárquica davídica e o outro o sumo-sacerdote. A idéia dos "dois ungidos" nós a encontramos no profeta Zacarias que propõe um plano de responsabilidade partilhada (Zc 3) entre os dois messias cujas competências são separadas. Monarquia e sacerdócio completam-se mutuamente e as suas relações são guiadas pelo conselho da paz (Zc 6,13), exemplo para a comunidade (Zc 8,9-17), ultrapassando as fronteiras para todas as nações (Zc 8,20-23).

Quanto aos grupos apocalípticos podemos dizer que começam a surgir a partir do encontro do judaísmo com o helenismo numa tentativa de busca de identidade e de superação diante da crise provocada pela imposição de um modo de pensar e de viver diferente daquele que o judaísmo até então havia enfrentado.

10. L.H. SCHIFFMAN. Messianic Figures and Ideals in the Qumran Scrolls, in: *The Messiah* (*Op. cit.*), 116-129. Veja a edição completa dos Documentos do Mar Morto, traduzida por Valmor da Silva, editada por GARCIA, Florentino Martínez. *Textos de Qumran*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1995, 582 p.

Nas Escrituras hebraicas encontramos Daniel como remanescente de uma vasta literatura que chegou até nós através dos apócrifos e pseudo-epígrafos e que nos leva a conhecer a extensão dos grupos apocalípticos por mais de quatro séculos consecutivos, ou seja, do século II anterior à nossa era até o século II dC.

Toda esta literatura é o testemunho evidente da influência do apocalipsismo nos meios populares. Como diz M. Buber: "a esperança messiânica se torna escatológica diante do crescimento contínuo das desilusões históricas". É verdade que devemos nos precaver de considerar toda visão escatológica como messiânica, mas não resta dúvida que as aspirações apocalípticas se mesclam com as expectativas messiânicas.

A profusão da literatura, como indicamos acima – mais de 52 documentos conhecidos atualmente – pode nos dar um perfil da perspectiva milenarista que parece ter sido bastante comum no início de nossa era. Além do mais, esta literatura é a que contém maior número de citações e indicações sobre o tema do messias além dos escritos de Qumran. Nela encontramos as descrições da nova Jerusalém e o futuro da história com a vinda do messias.

Klausner em sua obra *The Messianic Idea in Israel* afirma que "as expectativas messiânicas nos apócrifos e pseudo-epígrafos são pedras preciosas na coroa do judaísmo". As constantes interpolações e manipulações dos textos por vezes tornam difícil definir qual o legado próprio dos grupos apocalípticos a respeito da questão sobre a qual nos debruçamos.

No entanto podemos afirmar que as idéias e sonhos apocalípticos sustentavam a grande massa popular que assumia e vivia estas esperanças dando-lhes o sentido para além da história, como deixam entrever os escritos de Ezequiel e Daniel nas escrituras hebraicas e muitos textos neotestamentários.

Os adeptos de Qumran assumem o esquema de Zacarias e em cima dele constroem sua própria visão de futuro, identificando a volta do exílio como a imagem ideal do "tempo que virá". O caráter do tempo que virá se apresenta então amplamente restaurador.

As regras comunitárias de Qumran marcam o caráter sacerdotal do grupo, onde os sacerdotes descendentes de Aarão possuem para sempre a precedência sobre o resto dos filhos de Israel. Entretanto a noção dos fins dos tempos não atinge necessariamente o termo da história terrestre que daria lugar ao mundo que virá totalmente diferente. Como em Henoc e Daniel é mais o fim do período de provação pela qual Israel atravessa que deve ser seguida de um estado ideal da realidade onde as instituições judaicas atingirão sua perfeição continuando a existir aqui e agora. É nesta perspectiva que deve ser compreendido o papel dos "mediadores da salvação": o profeta que prepara o grande dia e os dois ungidos que deterão os dois poderes, sacerdotal e real, sendo que o rei será subordinado ao sacerdote.

Na regra da congregação o *mashiah* que prevê a ordem de procedimento nas assembléias comunitárias e nas refeições religiosas é o *mashiah* que corresponde ao "*mashiah* de Israel", ou seja, o da linhagem davídica – ele tem seu lugar na presidência da Congregação, mas isto não impede que ele seja subordinado ao

"*mashiah* de Aarão". A subordinação do *mashiah* davídico ao *mashiah* aarônico é o desenvolvimento natural que podia se esperar de um grupo antiasmoneu e que se sentia excluído do sacerdócio do templo.

Este seria um pouco o quadro geral do que temos ouvido sobre a questão dos messias gêmeos de Qumran. Charlesworth pretende modificar este consenso de cinco maneiras significativas.[11]

Primeira: Diante dos 170 documentos que provavelmente foram escritos, criados ou redigidos em Qumran – estatisticamente falando – chega-se à conclusão de que o messianismo não era a maior preocupação desta comunidade, pelo menos no início de sua história. O termo técnico *mashiah*, salvo obscura referência no fragmento das *Bênçãos de Jacó* (4QPBless) aparece somente em outros 3 documentos, a saber, 1QS, 1QSa e CD. Portanto menos de 3% dos documentos de Qumran contêm a palavra *mashiah*.

Segunda: O trabalho teológico sobre os manuscritos de Qumran tornar-se-á cada vez mais confuso se não se levar em conta a diversidade e o desenvolvimento da comunidade. Diversidade e desenvolvimento se refletem nas sucessivas redações e edições dos textos.

Terceira: Alguns fragmentos de Qumran levantam questões interessantes como o caso do 4QFlorilegium onde temos a possível passagem messiânica em que o rei não está subordinado ao sacerdote e segundo o 4QFlorilegium não há "dois ungidos". No 4QPBless o "messias de justiça" deverá ser da linhagem davídica e aparentemente ele renovará a aliança de algo parecido com o reino.

Quarta: A descoberta mais excitante talvez seja a de um fragmento mais antigo da Regra da Comunidade. Nesta fórmula anterior da regra, ostensivamente não se faz referência a um ou dois ungidos. Esta constatação nos levaria a pensar que em seu primeiro estágio de formação a comunidade de Qumran não era messiânica. Para falar sobre as funções dos ungidos temos as referências de 1QS e CD que dão poucas respostas às nossas questões.

Quinta: Ao discutirmos os documentos de Qumran, devemos levar em conta que esta comunidade tinha um círculo bem mais amplo de adeptos, como os essênios. Se confiarmos nas informações de Flávio Josefo veremos que muitos deles viviam fora de Qumran. Encontramos alguma confirmação destes dados com as recentes descobertas arqueológicas do sudeste de Jerusalém. As escavações feitas no ângulo sudoeste trouxeram à luz *mikvoth* (pequenas cisternas para purificações rituais) provavelmente do primeiro século, o que indicaria a presença de essênios nesta parte de Jerusalém. Outras observações deste gênero levam a pensar, e alguns estudiosos vêem nisto prova suficiente, sobre a possibilidade de essênios vivendo em outras partes de Israel no primeiro século.

As colocações de Charlesworth nos desafiam a reconsiderar o que até agora se tem proposto sobre os "dois ungidos" de Qumran. Apresentam novas perspectivas para as idéias messiânicas que estarão sem dúvida na base de nossas futuras reflexões. O fato de constatar que as referências e os dados escritos sobre as idéias

11. *The Messiah* (*Op. cit.*), 24-29.

messiânicas tais quais se desenvolveram no cristianismo nos mostram que o judaísmo da época do primeiro século, pelo menos até a destruição do templo, talvez estivesse motivado por outras esperanças do que aquelas que encontramos desenvolvidas nos escritos neotestamentários.

No entanto devemos aguardar o curso das contribuições que virão a partir desta nova proposta e talvez possamos reter que para os adeptos da Nova Aliança o Filho de Davi tem o seu lugar assegurado, mesmo se subordinado ao sacerdote filho de Aarão.

À GUISA DE CONCLUSÃO

Como dizíamos no início, a tarefa a que nos propúnhamos era difícil e ousada. Ao concluir nossas reflexões percebemos quão longe estamos de esgotar o assunto e somente acenamos para algumas perspectivas. Queremos somente partilhar alguns sentimentos ao final deste trabalho.

Poderíamos dizer que no judaísmo do 1º século não se reconhecia pura e simplesmente *o messias* com poderes ou funções definidas. As idéias que circulavam estavam em constante mutação e a situação por vezes era a forte divergência sobre a figura e as ações do messias. Ora era ele esperado como profeta, ora como sacerdote, ora como filho de Davi, outras vezes as três dimensões se mesclavam, pois o "mashiah" era figura representativa que apareceria imediatamente antes dos fins dos tempos, esperado com entusiamos e excitamento, especialmente nos meios populares, em situação de extrema penúria.

Pessoas que não eram nacionalistas extremadas e preocupadas com o todo, assim como com os problemas nacionais judaicos, acreditavam na ressurreição dos mortos, no Deus de Israel que em breve chegaria para o julgamento final e daria nascimento à nova criação, formada pelas mais significativas idéias religiosas do judaísmo que alimentavam e desenvolviam as esperanças messiânicas.

Em toda a pesquisa que fizemos, sentimos falta da complementariedade de uma perspectiva que tentasse seguir ou descobrir a intuição feminista nesta época e sua participação nas expectativas. Mesmo se houvesse algo nesta direção seria facilmente recuperável pela maioria que tem voz. O que queremos dizer?

Diversas vezes acenamos para as esperanças messiânicas populares que chegam até nós de maneira fragmentada. São alusivas e longe estamos de poder detectá-las de modo articulado em todo o contexto. Elas se perdem no tempo e são alimentadas pela tradição oral. Acreditamos que em grande parte a sobrevivência e a vitalidade da tradição oral é veiculada e transmitida por aquelas que não aparecem nas produções das "elites" da época: as mulheres que alimentam a esperança dos seus filhos no projeto do Deus da vida como nos resta em reminiscências do parco testemunho da mulher do meio popular da época, em situação de ameaça dos seus valores. O mesmo poderia ser dito do veio apocalíptico que encontramos em outro deuterocanônico – o livro de Judite – onde a esperança do povo judeu é sustentada pela figura humana três vezes excluída: mulher, viúva, de um povo subjugado. Sua façanha alimenta a esperança do povo em meio à situação de grande crise.

Sem dúvida nenhuma, apresenta-se aí um veio frutuoso sobre o tema, através da literatura apócrifa e pseudo-epígrafa a ser explorada. Por outro lado, ao abrirmos os textos neotestamentários vemos que a esperança da vida, da ressurreição, da nova criação teve como primeiras testemunhas as ausentes da época em outras literaturas, o que nos dá assim o parâmetro da grande novidade que se deu com o seguimento de Jesus. Talvez aí esteja uma das chaves de resposta: Por que os seguidores de Jesus viram nele o messias esperado? Quais as expectativas populares por ele realizadas e cumpridas?

Tendo em vista que nossa perspectiva era buscar as idéias messiânicas no judaísmo do primeiro século, gostaríamos de encerrar nosso artigo com o pensamento do judeu Marc Angel, que encontramos no Dicionário do Diálogo Judeu-cristão, sobre o messias.

A atitude a respeito do messias não tem sido uma constante na história do judaísmo. Houve momentos em que este foi utópico e apocalíptico, outras vezes foi restaurativo e racionalista. Muitas vezes a visão messiânica continha as duas tendências. Em todo caso, a idéia sobre o messias proveu o povo judeu – deixando de lado as opiniões específicas e atitudes relacionadas ao messias – com a esperança por melhores dias, com o sonho de um mundo ideal, que de algum modo algum dia chegará. Especialmente em tempo de opressão, sofrimento e dor, o povo judeu pode levantar os olhos e contemplar a redenção última, que definitivamente virá. Como isto se dará, se de forma natural ou milagrosamente, se o messias chegará dotado de poderes sobrenaturais ou simplesmente será um ser humano carismático, aquilo de que se tem certeza é que o messias trará paz para Israel... Quanto mais os judeus necessitam e esperam o messias, sua chegada, mais ocasião para o surgimento de pseudomessias. Houve vários pseudomessias durante a história judaica. Em geral a falsidade de sua vinda se revelou por terem sido incapazes de trazer a paz para Israel, restaurar o Reino de Israel e acabar com a opressão estrangeira sobre os judeus.

Marc Angel conclui seu tópico dizendo: Continuamos a viver num mundo não redimido. Guerra, violência, perseguição, opressão: infelizmente são estas as características do nosso mundo. A terra e o povo de Israel não estão livres de inimigos. Qualquer um ou uma que reconhece as realidades da vida judaica de hoje reconhecerá que a era messiânica ainda não chegou, ninguém ainda trouxe a paz e a tranqüilidade esperada do messias. E, portanto, os judeus continuam a esperar a vinda do messias.[12]

Judite Paulina Mayer
Rua Prado Valadares 4
Nazaré
Salvador, BA
40055-070

12. Leon KLENICKI e Geoffrey WIGODER. *A Dictionary of the Jewish-Christian Dialogue*. New York, Paulist Press/Ramsey, 1984, 130-132.